

CERRADO EM PAISAGEM: ENTRE MEMÓRIA, IDENTIDADE E FORMAS DE HABITAR

306

Cerrado in landscape: Between memory, identity and ways of inhabiting**Cerrado en paisaje: Entre memoria, identidad y formas de habitar****Matheus Henrique Fleuri Silva**Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, Goiás, Brasil
E-mail: matheushfs0206@gmail.com**Georgia Cynara coelho de Souza**Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, Goiás, Brasil
E-mail: georgia.cynara@ueg.br**Rafael de Almeida**Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, Goiás, Brasil
E-mail: rafaeldealmeida.@ueg.br**Resumo**

Este artigo propõe uma reflexão sobre a devastação do bioma Cerrado e a desvalorização cultural que acompanha sua degradação na contemporaneidade. Embora seja um dos biomas mais biodiversos do planeta, o Cerrado permanece frequentemente invisibilizado nas práticas paisagísticas e no imaginário estético brasileiro. Nesse contexto, o estudo busca evidenciar o potencial do Cerrado como matriz paisagística, destacando suas contribuições ambientais, culturais e profissionais, a partir da seguinte questão: como o paisagismo naturalista pode contribuir para a valorização cultural e preservação ambiental do Cerrado?. A partir de uma perspectiva paisagística, o Cerrado é compreendido não apenas como um ecossistema ameaçado, mas também como um repertório estético e simbólico capaz de contribuir para a construção de identidades culturais e territoriais. A incorporação de espécies nativas em projetos paisagísticos apresenta-se como uma estratégia de preservação ambiental e valorização cultural. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem teórica e reflexiva, baseada em revisão bibliográfica, análise cartográfica dos processos de devastação do Cerrado e em projeto de iniciativa como o Jardim de Cerrado, permitindo discutir o papel do paisagismo naturalista na criação de espaços que valorizem o uso de espécies nativas e contribuindo para a preservação ambiental, o fortalecimento da identidade cultural e uma consciência ecológica sobre o bioma.

Palavras-chave: Paisagismo naturalista. Cerrado. Identidade.**Abstract**

This article proposes a reflection on the devastation of the Cerrado biome and the cultural devaluation that accompanies its degradation in contemporary times. Although it is one of the most biodiverse biomes on the planet, the Cerrado often remains invisible in landscape practices and in the Brazilian aesthetic imagination. In this context, the study seeks to highlight the potential of the Cerrado as a landscape matrix, emphasizing

its environmental, cultural, and professional contributions, based on the following question: how can naturalistic landscaping contribute to the cultural appreciation and environmental preservation of the Cerrado? From a landscape perspective, the Cerrado is understood not only as a threatened ecosystem, but also as an aesthetic and symbolic repertoire capable of contributing to the construction of cultural and territorial identities. The incorporation of native species in landscape projects is presented as a strategy for environmental preservation and cultural valorization. Methodologically, the research adopts a theoretical and reflective approach, based on a literature review, cartographic analysis of the Cerrado's devastation processes, and initiative projects such as the Cerrado Garden. This allows for a discussion on the role of naturalistic landscaping in creating spaces that value the use of native species, contributing to environmental preservation, the strengthening of cultural identity, and ecological awareness of the biome.

Keywords: Naturalistic landscaping. Cerrado. Identity.

Resumen

Este artículo propone una reflexión sobre la devastación del bioma Cerrado y la desvalorización cultural que acompaña su degradación en la contemporaneidad. Aunque es uno de los biomas más biodiversos del planeta, el Cerrado permanece frecuentemente invisibilizado en las prácticas paisajísticas y en el imaginario estético brasileño. En este contexto, el estudio busca evidenciar el potencial del Cerrado como matriz paisajística, destacando sus contribuciones ambientales, culturales y profesionales, a partir de la siguiente pregunta: ¿cómo puede el paisajismo naturalista contribuir a la valorización cultural y la preservación ambiental del Cerrado? Desde una perspectiva paisajística, el Cerrado es comprendido no solo como un ecosistema amenazado, sino también como un repertorio estético y simbólico capaz de contribuir a la construcción de identidades culturales y territoriales. La incorporación de especies nativas en proyectos paisajísticos se presenta como una estrategia de preservación ambiental y valorización cultural. Metodológicamente, la investigación adopta un enfoque teórico y reflexivo, basado en la revisión bibliográfica, el análisis cartográfico de los procesos de devastación del Cerrado y en proyectos de iniciativa como el Jardín de Cerrado. Esto permite discutir el papel del paisajismo naturalista en la creación de espacios que valoren el uso de especies nativas, contribuyendo a la preservación ambiental, al fortalecimiento de la identidad cultural y a una conciencia ecológica sobre el bioma.

Palabras clave: Paisajismo naturalista. Cerrado. Identidad.

INTRODUÇÃO

Estima-se que o Cerrado exista há 65 milhões de anos, sendo visto como o mais antigo bioma do país. Cerca de 70% da sua biomassa concentra-se abaixo do solo, ganhando o título de “floresta invertida”, pois embora o porte das árvores não seja grande, as raízes são profundas, podendo ultrapassar 50 metros, garantindo a sobrevivência em ambiente de solos pobres e assegurando

a recarga dos lençóis freáticos. O Cerrado passou a ser considerado *hotspot* mundial de biodiversidade, sendo um bioma que possui vegetação savânica, com trechos de florestas e campos puros. Com uma ocupação de cerca de 20% do território brasileiro e sendo o segundo maior bioma em extensão geográfica (Jorge, 2019, p.12).

O paisagismo constitui uma área do conhecimento e da prática profissional voltada à organização dos espaços externos, integrando elementos naturais e construídos, com o objetivo de proporcionar equilíbrio estético, funcional, social e ambiental. Diante disso, a biodiversidade do Cerrado não revela apenas uma riqueza biológica, que coroa o bioma como um *hotspot*. Essa capacidade adaptativa revela não apenas a resiliência ecológica do bioma, mas também um modelo para o paisagismo naturalista, que se inspira na lógica de funcionamento dos ecossistemas originais, abrindo possibilidades de reflexão sobre a preservação do Cerrado e de sua identidade cultural por meio do paisagismo.

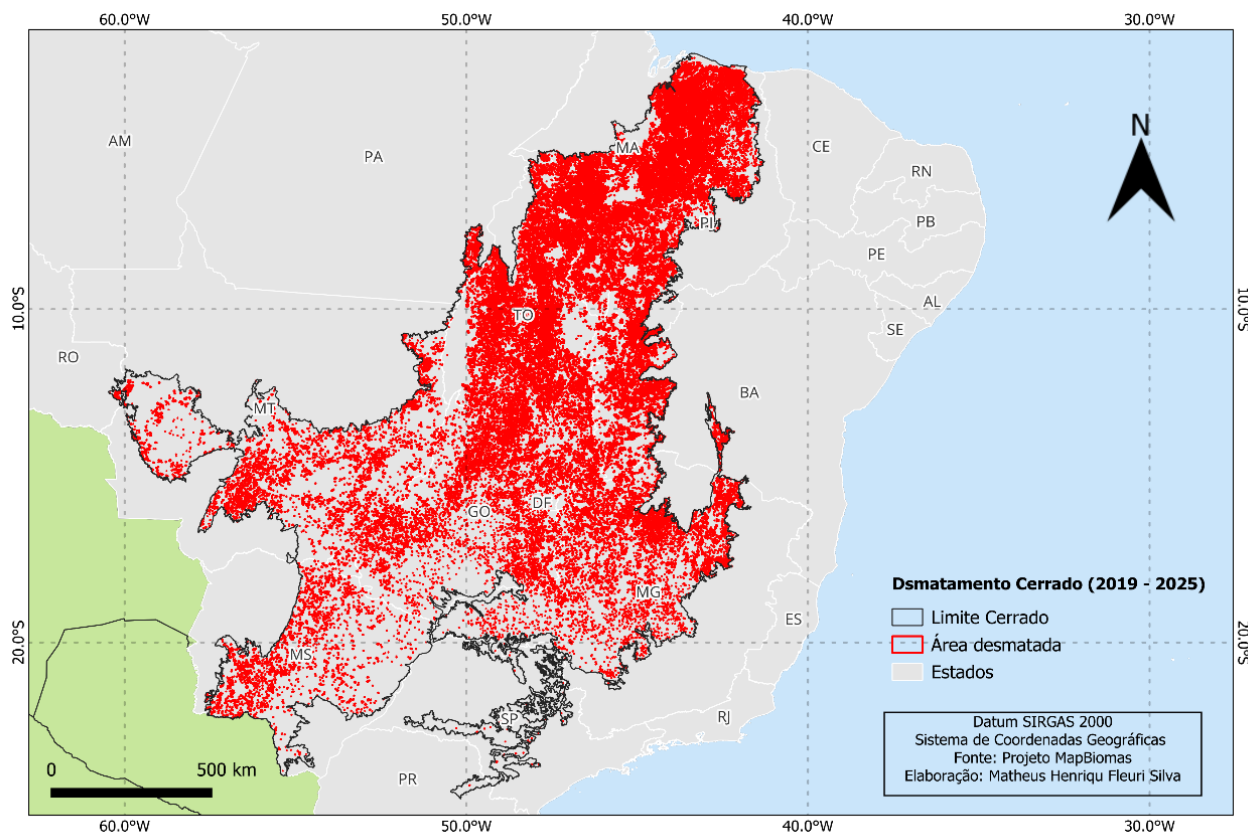
É certo que os primeiros estudos na região central do Brasil remontam principalmente aos dos viajantes naturalistas como August Saint-Hilaire, que percorreram a região no século XIX, permitindo uma constituição da identidade e das representações geográficas e socioculturais do território, ainda que esse olhar e discurso seja carregado de estereótipos.

Vale observar que a invisibilização do Cerrado não ocorre apenas no campo material, mas também no plano simbólico e imagético. Diferentemente de outros biomas amplamente representados no cinema, na fotografia e na mídia, o Cerrado permanece pouco elaborado como imagem cultural, o que contribui para sua baixa valorização no imaginário coletivo.

Mesmo após décadas, as riquezas do Cerrado são ainda pouco conhecidas pelos brasileiros e até mesmo pelos povos do Cerrado. Essa falta de informação gera um certo afastamento da identificação com o ecossistema, contribuindo para as poucas iniciativas para a preservação deste bioma (Miranda; Carvalho, 2013, p.153). Infelizmente, mesmo diante de estudos sobre a biodiversidade do

Cerrado e das informações sobre ele obtidas desde do século XIX, os efeitos ainda são discretos, permitindo o crescimento do desmatamento (Figura 01).

Figura 1. Mapa de alerta de desmatamento do Cerrado (2019 – 2025).



Fonte: MapBiomias, 2025.

A biodiversidade do Cerrado está ameaçada pela conversão da vegetação nativa em pastagens e culturas comerciais. Em vista disso, campos de soja e fileiras de Eucaliptos ao longo das estradas em Goiás vem sendo comum, demonstrando que a falta de reflexão e a simples retirada da vegetação nativa por monoculturas representam um impacto ambiental e cultural enormes. Visto que, “são os indígenas, quilombolas, geraizeiros, sertanejos, os quais, apesar dos pesares, ainda mantêm a cultura e as tradições dos nossos antepassados” (Universidade de Brasília, 2019, p.06).

Outra perspectiva para a pouca valorização do bioma Cerrado, apesar de sua relevância ecológica, está no fato de que muitas iniciativas de preservação ambiental no Brasil se concentram principalmente em biomas florestais, como a Amazônia. Embora sua importância seja inegável, essa centralidade acaba reduzindo a visibilidade de outros biomas, como o Cerrado, que também demandam atenção e ações de preservação.

No caso do Cerrado, o desinteresse por essas vegetações fica patente em relatos de pessoas que contribuíram ativamente para a formação do imaginário nacional. Os diários de viajantes naturalistas do século 19, por exemplo, revelam a busca de um exótico idealizado raramente encontrado em longas travessias pelo Cerrado, permeadas por momentos de melancolia e tédio (Siqueira *et al.*, 2021).

Olhar para o bioma Cerrado é reconhecer a riqueza de um ecossistema singular, cuja valorização se mostra fundamental. A partir de uma perspectiva paisagística, observa-se o potencial para composições e projetos que ampliem a visibilidade do bioma no território, permitindo celebrá-lo como arte, paisagem e expressão de identidade. Nesse sentido, o texto discute sua contribuição tanto para a valorização ambiental quanto para o fortalecimento da identidade cultural associada ao bioma e ao próprio país.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo fundamenta-se na compreensão do Cerrado como uma “floresta invertida” de extrema biodiversidade e no desenvolvimento do paisagismo brasileiro rumo à valorização da identidade local. Miranda e Carvalho (2013) destacam que a estética tortuosa da vegetação nativa é um patrimônio identitário que deve ser preservado para fortalecer o pertencimento das comunidades. Essa visão é reforçada pela Revista Darcy (2019), que detalha a riqueza das formações florestais, savânicas e campestres do bioma, essenciais para a resiliência ecológica e recarga hídrica do país.

A base técnica para intervir nessa paisagem remonta à ruptura modernista de Roberto Burle Marx, analisada por Zanini *et al.* (2017), que substituiu padrões europeus por um modelo focado na flora nativa, higiene e arte. Sendo válido ressaltar Burle Marx, como o paisagista que trouxe essa virada epistemológica no paisagismo brasileiro. Para organizar esses espaços de forma funcional e estética, aplica-se a teoria de Niemeyer (2019) sobre os planos estruturadores (piso, vedação e teto), que utilizam a vegetação para qualificar o ambiente urbano de maneira tridimensional.

Atualmente, essa prática se consolida no paisagismo naturalista, fundamentado por Reginatto (2020) como uma estratégia de composição de comunidades vegetais baseada na ecologia e sazonalidade. A viabilidade dessa abordagem é comprovada por Siqueira *et al.* (2021) por meio do projeto "Jardim de Cerrado", que demonstra como o uso do estrato herbáceo-arbustivo nativo pode recuperar a biodiversidade e a memória afetiva em áreas degradadas por espécies exóticas.

METODOLOGIA

O artigo desenvolve-se com o uso de uma revisão bibliográfica para um embasamento teórico e conceitual, caracterizando o objeto de estudo e os resultados e discussões propostas. Para uma reflexão prática, partimos do estudo de caso do projeto Jardim de Cerrado, coordenado pela arquiteta e paisagista Mariana Siqueira, e da Casa no Cerrado, desenvolvida pelo estúdio Vazio S/A, a fim de complementar a reflexão sobre a praticabilidade desse esforço de desenvolver projetos paisagísticos que valorizem o bioma local. Além disso, o artigo apresenta o uso de mapas contendo limites e manchas de concentração, para uma maior compreensão visual dos processos de desvalorização e perda que o Cerrado vem sofrendo ao longo do tempo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O paisagismo acompanha a sociedade há muitos séculos, desde o momento em que o ser humano começou a intervir na paisagem, não apenas de forma utilitária, mas também como objeto de contemplação. Ao longo do tempo, essas práticas contribuíram para o desenvolvimento de conceitos como planejamento urbano e a relação entre natureza e cidade. “ Nas cidades, a proximidade cotidiana com a vegetação urbana incentiva a valorização da natureza, afetando positivamente a relação e a preocupação das pessoas com o meio ambiente”. (Johnson; Swan, 2014 *apud* Reginatto, 2020). Além disso, o planejamento arquitetônico e urbano com o paisagismo promove benefícios à saúde mental e física, além de oferecer espaços de lazer e bem-estar aos usuários.

De acordo com Oliveira; Gonçalves; Matajs (2013):

(...) O paisagismo assume uma abordagem de cunho ambiental, ecossistêmica e preservacionista, valorizando a relação, sociedade-natureza no rumo da construção de cidades sustentáveis, com maior interação e equilíbrio entre os seres humanos e os recursos naturais (Oliveira; Gonçalves; Matajs, 2013, p.191).

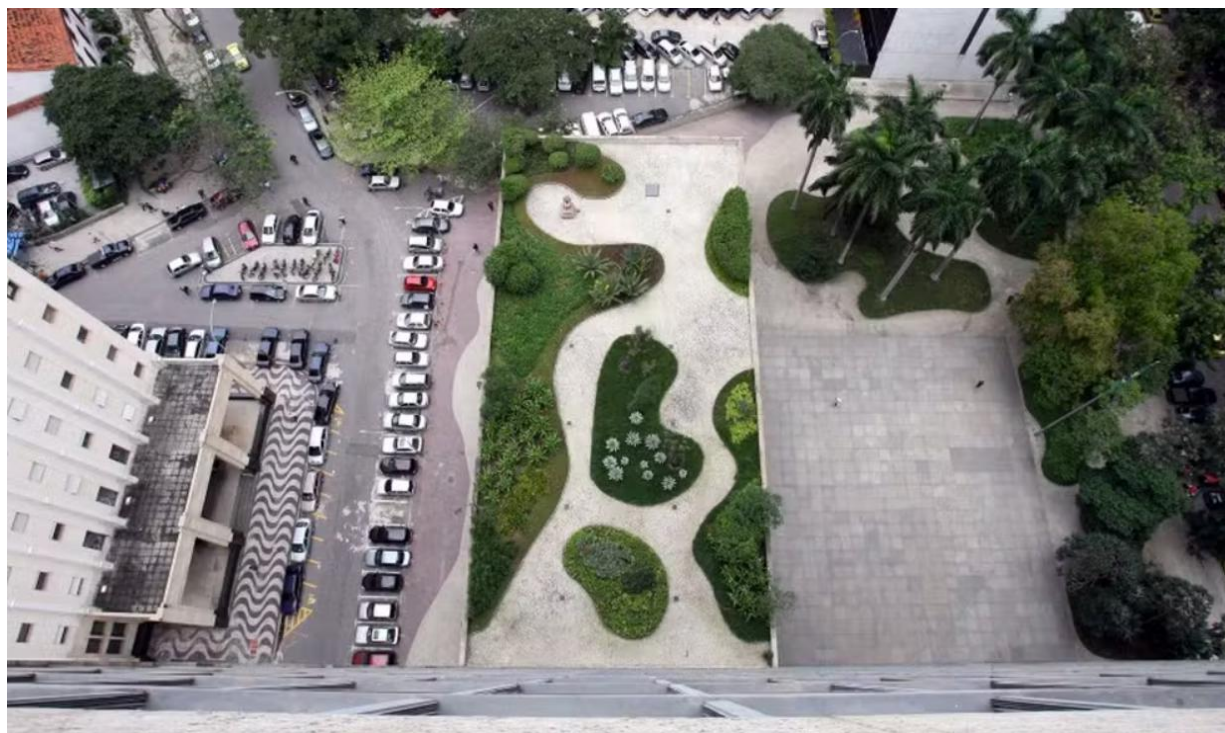
O Brasil, por sua história de colonização, sofreu forte influência europeia em sua arquitetura e paisagismo, atividades inicialmente conduzidas por profissionais vindos da Europa. Isso começou a se transformar apenas com a chegada do movimento modernista no século XX (Lamberti; Santos; Guilherme, 2022, p.1205). Nesse contexto, Roberto Burle Marx, renomado paisagista modernista, dedicou sua carreira à valorização de espécies nativas, promovendo seu uso em jardins brasileiros e contribuindo para a difusão de um paisagismo mais tropical, cujas espécies se tornaram progressivamente mais acessíveis comercialmente em viveiros.

Os trabalhos de Burle Max exerciam uma função multidisciplinar na sua concepção dos projetos. Suas propostas eram sempre apoiadas em três pilares:

a higiene, com jardins que proporciona uma amenização ao clima e da poluição; a educação, com o jardim servindo como propagador de saberes sobre essas vegetações nativas; e a arte, com o jardim associado a uma forma artística do paisagista (Zanini *et al.*, 2017). Como exemplo, surge o paisagismo do Palácio Capanema (Figura 02), parte do antigo Ministério da Educação e Saúde do Rio de Janeiro na década de 1940. Trata-se de um ícone da arquitetura moderna, por considerar, em seu processo projetual, a arte e o paisagismo como base da concepção do edifício, que surge como um desejo de incorporar uma arquitetura de progresso, mas também de identidade brasileira (Figura 02).

Para Bruand (2005), a arquitetura moderna brasileira adquire força no momento em que o então ministro da Educação, Gustavo Capanema, recusa o projeto premiado para o futuro Ministério da Educação e Saúde, acreditando que o Brasil deveria evitar cópia de estilos históricos e criar o seu próprio caminho de expressão.

Figura 2. Os jardins do antigo Ministério da Educação e Saúde do Rio de Janeiro



Fonte: oglobo.globo.com, 2024.

Em complemento, outra contribuição em prol da conservação da biodiversidade, em uma escala maior, tem sido o trabalho de conscientização por meio do turismo ecológico, também conhecido como ecoturismo. Dados do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) apontam que o turismo nas unidades de conservação federais teve um aumento de 563% em uma década (Universidade de Brasília, 2019, p.25). Este cenário permite compreender o potencial do ecoturismo para as pessoas conhecerem os biomas brasileiros, e isso inclui o Cerrado.

Os ecossistemas não-florestais são geralmente mal compreendidos em sua forma e funcionamento, dando abertura para ações preocupantes. “Políticas públicas permitem, e mesmo incentivam, a destruição desses ambientes como se não houvesse consequências sociais, climáticas e ambientais” (Siqueira *et al.*, 2021). Um exemplo da importância do uso de um paisagismo naturalista é a “Casa no Cerrado” (Figura 03).

Figura 3. Vista externa da Casa no Cerrado



Fonte: vitruvius.com.br, 2018.

A “Casa no Cerrado”, projeto e propriedade do arquiteto Carlos Teixeira, do escritório Vazio AS, é um projeto construído na Serra da Moeda, em Moeda-MG, que surge tendo uma consciência e respeito ao Cerrado, se propondo a ser uma edificação quase que “transparente” na paisagem com suas grandes aberturas e seu mirante para contemplação.

No processo de corte e aterros para acomodar a casa, e buscando estabilizar a terra, o cliente recebeu a sugestão de semear o capim-braquiária (*Brachiaria spp.*), uma espécie de origem africana que foi introduzida no país para formação de pastagem, que trouxe o benefício de evitar deslizamentos por suas raízes profundas. Contudo, desse benefício, surge um problema. Sendo uma espécie exótica invasora que cresce rapidamente, impede o desenvolvimento de plantas nativas; produz grande quantidade de biomassa, e quando seca, aumenta a possibilidade das queimadas, além de alterar a composição química do solo. O capim-braquiária ano após ano, na “Casa no Cerrado”, causou uma grande vantagem competitiva em relação às plantas nativas, na qual, ao longo do tempo estava ameaçando o equilíbrio ecológico das áreas adjacentes ao talude onde foi plantado esta gramínea, contribuindo para uma perda de biodiversidade ao jardim e o entorno imediato.

Diante disto, o Projeto Jardim de Cerrado, desenvolvido por Mariana Siqueira, recebeu o convite de realizar uma substituição deste capim por plantas nativas do bioma, tendo como resultado um jardim com 75% de cobertura por 16 espécies nativas após um ano (Figura 04). Trata-se de um exemplo do uso da vegetação nativa do Cerrado como parte de um projeto paisagista, revelando a importância de se considerar o bioma e o entorno nessa concepção (Siqueira *et al.*, 2021). Para além da recuperação ecológica, o jardim de Cerrado pode ser compreendido como uma experiência estética e sensorial, capaz de reaproximar o sujeito urbano de uma paisagem muitas vezes ignorada.

Figura 4. Do lado esquerdo, imagem do jardim com 17 meses, durante a segunda estação chuvosa. Do lado direito, o jardim com 21 meses durante a estação seca seguinte.



Fonte: Mariana Siqueira, 2019.

As alterações de uso da terra, de um ambiente heterogêneo e de vegetação nativa, para um ambiente completamente homogêneo, com a presença de monoculturas e pastagens, contribuem para perda gradativa de área do bioma e também para a pouca preocupação e cuidado por parte dos próprios povos que habitam o Cerrado. Diante do exposto, ações paisagísticas de interesse naturalista podem ser uma alternativa de minimizar esses impactos.

O aspecto tortuoso de arbustos e árvores do Cerrado é resultado de milhares de anos de seleção de linhagens adaptadas às condições ambientais deste bioma e que o torna peculiar. Este conceito de beleza deve ser preservado para se manter a identidade das pessoas que vivem nesta região (Miranda; Carvalho, 2013).

Waterman (2011) afirma que o paisagismo é visto há cerca de 150 anos como profissão; no entanto, a arquitetura paisagística já existia há mais tempo. Os paisagistas seguem em defesa da natureza, para que os usuários se

desenvolvam da melhor maneira entre paisagens visualmente agradáveis e também sustentáveis.

Com os avanços proporcionado pelos arquitetos e paisagistas modernos na busca por uma arquitetura e paisagismo com uma identidade mais brasileira, consolidam-se na atualidade jardins e espaços verdes com um maior respeito às riquezas locais e um aumento da facilidade de acesso às vegetações brasileiras dentro dos novos projetos. Entretanto, o encontro do paisagismo com o uso da vegetação nativa como parte do planejamento projetual ainda é uma pauta recente, que entra em consonância com a vertente do paisagismo naturalista, descrita por Piete Outdoor e Noel Kingbuy (2003):

O paisagismo Naturalista busca como fonte de inspiração a natureza, se relacionando com a ecologia a partir da biodiversidade por meio da composição de novas comunidades vegetais e valorizando o significado da paisagem natural através da estética” (Outdoor; Kingbuy *apud* Reginatto, 2020).

No Brasil, o paisagismo naturalista já teve um certo desenvolvimento com Burle Max no período do modernismo, sendo responsável por criar um modelo paisagístico moderno no país, valorizando vegetação nativa, em um contexto de herança colonial, em que os materiais e as vegetações eram importados e geralmente não se adaptaram bem ao clima brasileiro (Zanini *et al.*, 2017, p. 07). Contudo, na atualidade os usos das plantas passaram a se concentrar nas espécies de valor tropical e florestal, evidenciando uma seletividade do mercado e a pouca busca de informação sobre as diversas vegetações dos biomas não-florestais, como o Cerrado.

O aspecto tortuoso de arbustos e árvores do Cerrado é resultado de milhares de anos de seleção de linhagens adaptadas às condições ambientais deste bioma e que o torna tão peculiar, este conceito de beleza deve ser preservado para se manter a identidade das pessoas que vivem nesta região (Miranda; Carvalho, 2013, p.157)

Práticas de paisagismo naturalista podem incluir a utilização de espécies nativas em jardins públicos e privados; a criação de corredores verdes que

conectam áreas urbanas e naturais; e a promoção de hortas e viveiros especializados em flora do Cerrado. Tais iniciativas contribuem não apenas para a conservação da biodiversidade, mas também para a criação da experiência de contato direto com o bioma, fortalecendo a percepção ambiental e a memória afetiva das comunidades locais.

O Cerrado apresenta onze tipos principais de vegetação, enquadrados em formações florestais (Mata Ciliar, Mata de galeria, Mata Seca e Cerradão), savânicas (Cerrado sentido restrito, Parque de Cerrado, Palmeiral e Vereda) e campestres (Campo sujo, Campo Limpo e Campo Rupestre) (Figura 05). Essa variedade permite observar uma riqueza de escalas, formas, volumes, que aos olhos do paisagismo naturalista é extremamente rico, pois abre um leque de possibilidades de composições.

Figura 5. Ilustração dos tipos de vegetação do bioma Cerrado.



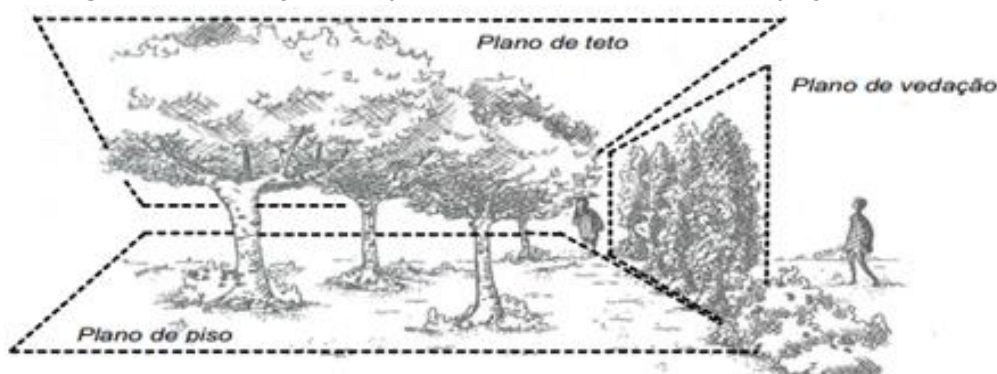
Fonte: embrapa.br.

Tendo como fonte de inspiração a natureza, o paisagismo naturalista valoriza a diversidade, a complexidade e a sazonalidade na sua composição. Essas diretrizes possibilitam combinações mais livres, gerando diferentes escalas e texturas atraentes. Para se criar um paisagismo naturalista, é possível realizar o agrupamento das plantas em três tipos (Outodolf; Kingsburry *apud* Reginatto, 2020): 1) Protagonistas/ Primária: Seria as plantas com maior impacto visual, chamativas e que duram um longo período (6 e 12 meses de duração). 2) Secundárias / Dispersas: Plantas de menor durabilidade, usadas para compor o paisagismo para gerar a sensação de naturalidade e pequenas surpresas. 3) Matrizes/ de Fundo: Plantas visualmente pouco chamativas e sem

estrutura de interesse, tendo a função de preenchimento de espaços, compondo a maior parte do jardim.

Além disso, Niemeyer (2019), apresenta os planos estruturadores dos espaços livres, que enfatiza que a vegetação deve ser utilizada de forma consciente, participando ativamente da estrutura do projeto, considerando critérios como sombreamento, privacidade, proteção e estéticos, garantindo espaços agradáveis e funcionais. Para o autor, existem três planos de trabalhos (Figura 06): 1) Plano de piso (horizontal): é o principal, e inclui pavimentos, gramados, forrações, espelhos d'água e bases para mobiliários; define uso, organização e habitabilidade do espaço, considerando acessibilidade e fluxo de pessoas. 2) Plano de vedação (vertical): composto por elevações, como muros vegetais ou paredes, que controlam visuais e oferecem privacidade; e 3) Plano de teto (aéreo): corresponde ao "teto" do espaço, geralmente o céu, mas pode ser modulado pelas copas das árvores ou elementos arquitetônicos (lajes, pérgolas); funciona como cobertura natural, protegendo do sol da chuva.

Figura 6. Ilustração dos planos estruturadores dos espaços livres.



Fonte: Niemeyer, 2019.

Esses três planos estruturam o espaço livre de forma tridimensional, usando a vegetação. A abordagem mostra que o paisagismo não é apenas decorativo, mas organiza e qualifica o espaço urbano.

Além disso, o processo de construção da percepção das pessoas em relação ao seu entorno é exercitado por meio das experiências e o conhecimento que adquirem. O contato e o entendimento do Cerrado como um bioma de

relevância equivalente à da Amazônia e dos demais biomas acontece pela educação e conscientização. O biólogo Marcelo Bizerril Ximenes, ao trabalhar com estudantes de escolas de diversas regiões do Distrito Federal, notou que quanto mais afastado do ambiente rural, menos as pessoas guardam uma percepção positiva do Cerrado. O que evidencia como a relação com o território influencia diretamente a construção da identidade e do sentimento de pertencimento ao bioma. Nesse sentido, a identidade vinculada ao Cerrado enfraquece à medida que se rompe o contato direto com suas paisagens, sabores e modos de vida.

O padrão que a gente encontra é que, aquele que tem experiência de vida e memória afetiva, tem uma visão mais apurada. Por outro lado, quem vem de fora não encontra muitos elementos que possam lhe dar subsídios para uma compreensão mais embasada (Ximenes *apud* Darcy, 2019, p.17).

Iniciativas como a da paisagista Mariana Siqueira, com o Jardim de Cerrado, projeto que desenvolve trabalhos desde de 2015, conseguem “contribuir para a criação de uma linguagem paisagística que expresse savanas e campos do Cerrado e valorize a conservação de sua biodiversidade” (Siqueira *et al.*, 2021), realizando colaborações entre diferentes áreas e grupos, encorajando a um paisagismo naturalista dentro do território do Cerrado para uma compreensão da forma e do funcionamento deste bioma e consequentemente, um aumento da valorização e identificação da população com ele.

Superada a crença errônea de que as plantas do estrato herbáceo - arbustivo do Cerrado não se prestam ao cultivo e à introdução em paisagens construídas, abrem-se inúmeras possibilidades – e necessidades – de pesquisas. Solos (entendidos em seus aspectos físicos, químicos e biológicos), cultivo de plantas e sua inserção em jardins, processos de projeto e implantação, irrigação (e sua potencial redução ou mesmo eliminação), manutenção, relações entre flora, fauna e microrganismos e percepção do público são apenas algumas das facetas da grande empreitada que é a introdução da flora nativa ao paisagismo (Siqueira *et al.*, 2021, p.18).

É coerente dizer que o “olhar para o Cerrado”, tem sido mais atento na última década, principalmente por iniciativas como as trazidas aqui e dado o desenvolvimento do ecoturismo na região. Mas é necessária uma defesa mais abrangente do Cerrado, pelas mais diferentes áreas de conhecimento, para, assim, ampliar o contato da população que, mesmo vivendo “dentro do Cerrado”, ainda não reconhece.

CONCLUSÃO

As alterações de uso da terra, transformando ricos territórios em paisagens de monocultura e pastagens, contribuem para a perda da biodiversidade do Cerrado e para a redução da identificação da população com o bioma. Diante desse cenário, o paisagismo naturalista surge como uma alternativa promissora para valorizar a vegetação nativa, reforçar a identidade local e promover o reconhecimento da importância ecológica do Cerrado. A integração de práticas paisagísticas com a educação ambiental e políticas públicas pode consolidar um modelo sustentável de ocupação e percepção do território,

Segundo Souza, 2020, o contato com a natureza, mesmo apenas de forma visual, pode gerar resultados positivos de bem-estar, especialmente aos habitantes de áreas urbanas. Porém, as interações entre pessoa e natureza diferem atitude e percepções da paisagem (Souza, 2020, p.1206). Portanto, as contribuições dos profissionais que trabalham com o planejamento da paisagem e a preservação do meio ambiente têm relevância para a conscientização e valorização da natureza.

Projeto que valoriza a flora do bioma, como o Jardim de Cerrado, demonstra que é possível criar espaços urbanos e educativos que aproximem a população do Cerrado, resgatando sua estética singular e promovendo experiências sensoriais e cognitivas que fortalecem a memória afetiva. Entretanto, trata-se de algo que, dada a herança colonial brasileira e suas

influências persistentes no paisagismo, na arquitetura e no urbanismo, leva tempo para ser alterado.

A Introdução de plantas nativas do Cerrado ao paisagismo é um caminho viável e promissor. Esse é um processo longo e complexo que, para resultar em uma efetiva mudança na cultura paisagística, deve contar com múltiplos agentes (paisagistas, viveiristas, clientes, pesquisadores e estudantes, em esferas públicas e privadas), operando, preferivelmente, em redes interdisciplinares (Siqueira *et al.*, 2021, p.18).

O Cerrado ainda é um bioma pouco compreendido, apesar de muito explorado pela devastação que o próprio homem gera. O paisagista é o profissional que não se preocupa apenas com um jardim bonito, mas concilia saberes estéticos, ambientais e culturais para gerar paisagens que não apenas tragam conforto, mas que promovam a responsabilidade do pertencimento. Considerando isso, investir no estudo e na aplicação do paisagismo naturalista e valorizar a ideia de uso de espécies do Cerrado em projetos paisagísticos pode contribuir para uma mudança de percepção em um processo lento, mas importante, de novas relações entre sociedade, identidade e natureza.

No caso do Cerrado, além do cenário ambiental preocupante, observa-se também a falta de identificação de parte da população com esse bioma. A valorização, muitas vezes, reflete apenas aquilo que é mais conhecido culturalmente. Nesse contexto, a educação surge como uma alternativa importante para fomentar a discussão sobre o Cerrado. Torna-se, portanto, fundamental a elaboração de materiais didáticos específicos, bem como o estabelecimento de parcerias com profissionais das áreas paisagística e ambiental, a fim de aproximar o bioma do campo educacional.

Portanto, é fundamental que o paisagismo naturalista seja incorporado não apenas em projetos de jardinagem ou áreas urbanas, mas também nos currículos escolares, ações comunitárias e políticas públicas de planejamento ambiental. Essa abordagem integradora pode tornar o Cerrado visível, reconhecido e valorizado, fortalecendo sua conservação e a identidade das pessoas que habitam neste bioma.

REFERÊNCIAS

BRUAND, Yves. **Lucio Costa: o homem e a obra**. In: NOBRE, Ana Luiza et al (Orgs.). Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

DALMOLIM, T. F. **Lucio Costa e a arquitetura moderna no Brasil: visão e Legado**. 2014. Faculdade Assis Gurgacz (FAG), Cascavel, 2014. Disponível em: <https://www2.fag.edu.br/professores/arquiteturaeurbanismo/TC%20CAUFAG/TC2014/THALES%20FELIPE%20DAL%20MOLIM/TC-Artigo_2014.2%20-%20Thales%20Felipe%20Dal%20Molim.pdf>. Acesso em: 28 jun. de 2025.

JORGE, T. M. (Ed.). **Revista Darcy**. N.21, 2019. Brasília: UNB, 2019. Disponível em: <<https://www.revistadarcy.unb.br/>>. Acesso em: 26 de jul. de 2025.

LAMBERTI, P. P; SANTOS, L. K. A. U; GUILHERME, D. O. **Percepções de paisagismo: uma análise de parte da população de Campo Grande, Ms. Interações, Campo Grande, MS, 2022.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/inter/a/3zsCQjRfMpPmZSpMvXhxhpg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 de jul. de 2025.

MIRANDA, S. C. E CARVALHO P. S. **A Paisagem do Cerrado e o Resgate da Identidade dos Povos do Cerrado sob o Olhar da Biodiversidade**. Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiânia, 2013.

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. **Paisagismo no planejamento arquitetônico/ Carlos Augusto da Costa Niemeyer**. Uberlândia, 2019.

OLIVEIRA JÚNIOR, C. J. F.; GONÇALVES, F. S.; MATAJS, F. C. L. **Potencial das espécies nativas na produção de plantas ornamentais e paisagismo agroecológico**. Revista Brasileira de Agroecologia, São Paulo, v. 8 n. 3, p. 190-200, 2013. Disponível em: <<http://revistas.abaagroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/13330>>. Acesso em: 15 de jul. de 2025.

REGINATTO, N. A. **Plantas nativas para o paisagismo naturalista: prospecção de espécies da região sul do Brasil para ambientes sombreados**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/252236/001130351.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 de jul. de 2025.

SIQUEIRA, M. DE M., SAMPAIO, A., ROBREDO, A., CORTES, C. DE A., BRINGEL JUNIOR, J. B. DE A., PELLIZZARO, K. F., & SCHMIDT, I. B. **Paisagismo e Cerrado: jardins para celebrar savanas e campos brasileiros**. *Paisagem E Ambiente*, 32(48), e158266. Disponível em: <

<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.158266>>. Acesso em: 15 de jul. de 2025.

324

TEIXEIRA, D. R. **O Sertão de Goiás na literatura de viagem**. Tocantins, 2013. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/2749/1675>>. Acesso em: 29 de ago. de 2025

ZANINI, B. I.; MORSCHBACHER, J. A.; COELLI, L. S.; GIOLO, M. L.; ANJOS, M. F. **Arquitetura moderna brasileira: o paisagismo de Burle Marx**. In: ENCONTRO CIENTÍFICO CULTURAL INTERINSTITUCIONAL 15.; ENCONTRO INTERNACIONAL, 1., 2017, Cascavel. Anais. Disponível em: <<https://www.fag.edu.br/mvc/assets/pdfs/anais-2017/J%C3%89SSICA%20ALINE%20M%C3%96RSCHBACHER-jessicamorschbacher@hotmail.com-1.pdf>>. Acesso em: 15 de jul. de 2025.